

Metafísica do amor sexual, segundo Arthur Schopenhauer

Janaina de Lima Veiga*
José Tadeu Batista de Souza**

Resumo

Afirmção da vontade de vida na composição das futuras gerações, eis a que se destina o amor enquanto paixão na metafísica de Arthur Schopenhauer. Para ele, apenas no impulso sexual, encontra-se enraizado todo enamorar-se, cujo fim é o de perpetuar a vida. No interesse da espécie, isto é, de uma objetividade ou exposição volitiva, é que atuam as pessoas em todo estar-enamorado. Fazendo o homem ser orientado por uma intenção inconsciente, qual seja a possibilidade de procriação, a vontade “labuta” para a existência de uma das formas de vida valendo-se do mecanismo da sexualidade. O amor apaixonado se fundamenta sobre uma ilusão, a qual o filósofo chama de “instinto”, fazendo com que o indivíduo pense estar agindo em benefício próprio, quando, na verdade, não é o mais privilegiado nesse enredo. Nesse contexto, o filósofo apresenta pontos a nortear a satisfação entre os sexos, pontos que dizem respeito ao interesse da espécie: a beleza, qualidades psíquicas e as provenientes da exigência de correção ou de neutralização recíproca das unilateralidades e das anomalias de ambos os indivíduos. Schopenhauer afirma ser importante o tema do amor em função de esse dizer respeito à existência e à constituição do gênero humano e, através de intercursos metafísico e fisiológico, tenta explicar o sofrimento, a posse, o prazer físico, enfim o que faz parte de toda essa trama que ele denomina de amor-paixão. Objetivamos trazer à luz o ponto de vista schopenhaueriano para o tema da sexualidade, destacando o filósofo como um dos poucos pensadores a se dedicar ao tema. Para a produção do trabalho, utilizaremos a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: vontade; sexualidade; procriação; espécie; instinto.

Metaphysics concerning the sexual love, according to Arthur Schopenhauer

Abstract

Establishment of the next generations, this is what represents love as passion in the metaphysics of Arthur Schopenhauer. For the Author, only the sexual impulse is rooted in the act of falling in love, with the purpose of perpetuating life. In the interest of the species, this is, an objectification or exposure of desire, within those who are in love. An unconscious intention guiding the man, whatever the

possibility of procreation, the desire works for the existence of the one of the forms of life validating the mechanism of sexuality. Passionate love is based upon an illusion, which the philosopher calls an “instinct”, making the individual act in their own interest, when in reality he is no longer the most privileged in this plot. Within this context, the philosopher presents points that orientate satisfaction between the sexes, points with regards to the interest of the species: beauty, psychological qualities and those derived from the necessary correction of neutralisation of the one-sided qualities and abnormalities of both individuals. Schopenhauer affirms that it is important the subject of love with regards to the existence and the constitution of the human gender, and through this metaphysical and physiological encounter, attempts to explain suffering, possession, physical pleasure, generally what represents everything within this intrigue that is denominated as passionate love. The objective is to bring to light the Schopenhauerian point of view to the subject of sexuality, highlighting the philosopher as one of the few thinkers to dedicate themselves to the subject. For the production of the study we used bibliographical research.

Key words: will; sexuality; procreation; specie; instinct.

Introdução

Vontade e representação são os conceitos-chave da metafísica de Schopenhauer, através dos quais ele faz a leitura do mundo. A vontade é a força motriz universal, é a essência dos constituintes do Universo. A representação é o manifestar-se volitivo em ideias e dessas em fenômenos.

Como não poderia deixar de ser, é nesse âmbito que ele irá situar a questão da sexualidade. O filósofo diz que essa, em linhas gerais, é um mecanismo utilizado pela vontade cósmica na sua atividade de se perpetuar. Aqui, afirma ser o desejo metafísico dessa vontade consistente em objetivar-se num indivíduo bem determinado. A procriação de uma criança determinada é, pois, o verdadeiro fim do amor apaixonado.

Segundo Schopenhauer, o indivíduo age pensando estar se beneficiando-se, quando, na verdade, atua a serviço da espécie no seu trabalho de determinação precisa das individualidades da próxima geração.

O filósofo, já embasado na sua metafísica da vontade, tece detalhes em seu tratamento do tema através de considerações de ordem física e psíquica.

O objetivo da presente pesquisa é unicamente trazer à luz a forma como Schopenhauer trata a questão da sexualidade pelo fato de ser um dos poucos filósofos que trataram detidamente sobre o tema. O texto que será enfatizado aqui é o intitulado “Metafísica o amor”.

1 Metafísica do amor sexual schopenhaueriana¹

Em seu texto “Metafísica do amor”, Schopenhauer inicia noticiando ser o amor paixão o tema mais recorrente em literatura em todos os tempos, assim como tema acolhido de forma inalterável pela humanidade. Menciona, também de início, que essa paixão pode levar a consequências como a liquidação da vida, fazendo remissão à experiência. A partir disso, considera como real e importante essa paixão, criticando a filosofia por não a tomar tanto em consideração até aquele momento, apesar de ter um papel tão significativo na vida humana. As tentativas de explicar o amor apaixonado, até aquele momento feitas, são consideradas por ele como insuficientes, superficiais etc. É tema que nunca se deteriora e nenhum outro pode igualá-lo em interesse, segundo se infere do ponto de vista schopenhaueriano. Em poucas palavras, o seu ponto de vista vai focar a prática sexual com fins de procriação². Nesse sentido, explana que a crescente inclinação entre duas pessoas é a vontade de vida do novo indivíduo que eles podem e gostariam (consciente ou inconscientemente, podemos dizer) de conceber. Explica que a paixão tem inumeráveis graus, mas que a sua essência é idêntica e que o fim corresponde à profundidade com a qual é sentido o amor apaixonado. Observa que, dependendo da intensidade, adquirindo a vontade da espécie tanto predomínio sobre a individual, o não êxito pode conduzir à loucura ou ao suicídio. Afirma que todo enamorar-se, por mais etéreo que pareça ser, tem como raiz unicamente o impulso sexual, sendo apenas um deste mais bem determinado, especializado e individualizado no rigor do termo. Diz que esse impulso, ao lado do amor à vida, mostra-se como a mola propulsora mais forte e ativa, de modo que absorve, de forma ininterrupta, a metade das forças e pensamentos da juventude. Aduz que a satisfação do impulso sexual equivale ao amor sexual. Sobre esse impulso, observa:

O que se anuncia na consciência individual como impulso sexual em geral que não se dirige para um indivíduo determinado do outro sexo é simplesmente a Vontade de vida em si mesma, e fora do fenômeno. O que aparece porém na consciência como impulso sexual orientado para um indivíduo determinado é, em si mesma, a Vontade enquanto querer-viver de um indivíduo precisamente determinado. Neste caso, o impulso sexual, embora sendo de fato uma necessidade subjetiva, sabe pôr, com habilidade, a máscara de uma admiração objetiva, iludindo assim a consciência: pois a natureza precisa deste estratagema para atingir seus fins. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 10).

Schopenhauer explica que a paixão tem inumeráveis graus, mas que a sua essência é idêntica e que o fim corresponde à profundidade com a qual é sentido o amor apaixonado. Observa que, dependendo da intensidade, adquirindo a vontade da espécie tanto predomínio sobre a individual, o não êxito pode conduzir à loucura ou ao suicídio. Sobre as repercussões dessa paixão, ele declara:

É ele a meta final de quase todo esforço humano, exercendo influência prejudicial nos mais importantes casos, interrompendo a toda hora as mais sérias ocupações, às vezes pondo em confusão por momentos até mesmo as maiores cabeças, não se intimidando de se intrometer e atrapalhar, com suas bagatelas, as negociações dos homens de Estado e as investigações dos sábios, conseguindo inserir seus bilhetes de amor e suas madeixas até nas pastas ministeriais e nos manuscritos filosóficos, urdindo diariamente as piores e mais intrincadas disputas, rompendo as relações mais valiosas, desfazendo os laços mais estreitos, às vezes tomando por vítima a vida, ou a saúde, às vezes a riqueza, a posição e a felicidade, sim, fazendo mesmo do outrora honesto um inescrupuloso, do até então leal um traidor, entrando em cena, assim, em toda parte como um demônio hostil, que a

tudo se empenha por subverter, confundir e pôr abaixo; - quando consideramos tudo isso, somos levados a exclamar: para que tanto barulho?! Para que o furor, a angústia e a aflição? (SCHOPENHAUER, 2000, p. 07-08).

A esses questionamentos, o filósofo responde que se trata de cada João encontrar a sua Maria e que isso não é alguma ninharia. Afirma que toda essa perturbação e confusão trazida sem cessar para a vida humana bem-regrada concorre para o mais importante fim da vida humana (fim último de toda disputa amorosa), sendo a seriedade e o ardor dos impulsos relativos para alcançar o objeto amado perfeitamente adequados à finalidade. Diz que o decidido com todas essas disputas amorosas é a composição da próxima geração. Aduz Schopenhauer que o não tratar-se-do-próprio assunto, em geral marca de grandeza, também atribui ao amor apaixonado aspecto sublime, tornando-o objeto merecedor de poesia. Considera que o primeiro instante do nascimento de um indivíduo novo, ou seja, o verdadeiro ponto saliente de sua vida, é aquele em que os pais desse futuro indivíduo começam a se amar. Acerca do tema, declara:

As dramatis personae que entrarão em cena quando dela sairmos serão aqui determinadas, segundo sua existência e sua índole, mediante essas tão frívolas disputas amorosas. Assim como o ser, a *existentia* dessas pessoas vindouras é condicionada por nosso impulso sexual em geral, do mesmo modo a essência, a *essentia* das mesmas o é pela escolha individual para satisfação desse impulso – isto é, o amor sexual – e é assim estabelecida de modo irrevogável em todos os aspectos. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 08).

Segundo o filósofo, a determinação precisa das individualidades da próxima geração porque é o fim mais elevado e digno dos terrenos, e o que se leva em conta é o bem e o mal da espécie. Menciona considerações orientadoras na satisfação com o outro sexo, ou

seja, um instinto mascarado, o sentido da espécie em esforço para conservação do seu tipo. Para o filósofo, em primeiro lugar, cada um preferirá os indivíduos mais belos, mas, depois, almejará no outro indivíduo especialmente as perfeições que faltam a ele próprio e até achará belas as imperfeições opostas às suas. Sobre a constituição corpórea de dois indivíduos, admite ser necessário, para servir ao restabelecimento, o melhor possível do tipo da espécie, que um seja o complemento inteiramente especial e perfeito do outro. Nesse sentido, afirma que essa complementação faz as duas pessoas desejarem-se exclusivamente. Acrescenta que, na decisiva inclinação para a beleza, repousa a conservação do tipo da espécie, daí ela agir com tão grande poder. Divide as considerações nas concernentes de modo imediato ao tipo da espécie, isto é, a beleza, nas dirigidas às qualidades psíquicas e, finalmente, nas relativas, as quais resultam da exigência de correção e de neutralização das uniteralidades e anomalias dos dois indivíduos. Menciona que, à medida que se aperfeiçoa a adequação mútua dos dois indivíduos em cada um desses aspectos considerados, mais intensa será a paixão entre os dois.

Pontua que, entre as físicas, a principal consideração é a idade e, geralmente, isso é válido para os anos que vão do início ao fim da menstruação. Entretanto, observa, dá-se preferência ao período entre os dezoito e vinte e oito anos. Explica que a intenção inconsciente a guiar aqui é a possibilidade de procriar em geral, e que o estímulo pelo outro sexo diminui à medida que se distancia do período mais favorável à concepção. Menciona que a segunda consideração é a saúde, por ser levada em conta a transmissão de doenças à criança. Schopenhauer diz ser a terceira o esqueleto, admitindo-o como o fundamento do tipo da espécie e como repugnante uma figura deformada. A quarta consideração citada é uma certa abundância de carne, por conseguinte, uma predominância da função vegetativa, da plasticidade, porque, afirma o filósofo, ela promete ao feto rico alimento. O excesso de carne causa repulsa, no ponto de vista do filósofo, o qual diz ser aquele excesso indicador de atrofia do útero, portanto de esterilidade, algo identificado instintivamente. A última consideração diz respeito à beleza do rosto. Sobre ela, ele cita, por exemplo, a essencialidade de uma boca pequena, com maxilares pequenos, como caráter específico

do rosto humano, em oposição ao focinho dos animais. Cita também as considerações das mulheres. Em relação à idade, declara que dão preferência ao período entre 30 e 35 anos, pelo fato de não serem guiadas pelo gosto, mas pelo instinto, o qual, segundo o filósofo, identifica, nessa idade, o apogeu da força de procriar. Diz que, de um modo geral, observam pouco a beleza, sendo sobretudo cativante a força do homem e a correlata coragem, por prometerem procriar crianças fortes e, também, ser um protetor valente. Sobre a corporificação, explica:

Cada defeito corporal do homem, cada desvio do tipo, pode, tendo em vista a criança, ser suprimido pela mulher na geração, desde que ela mesma seja irrepreensível nas mesmas partes, ou as exceda em sentido oposto. Excetuam-se apenas ‘as’ qualidades do homem específicas do seu sexo e que, por conseguinte, a mãe não pode dar à criança [...]. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 26).

A partir daí, declara que, frequentemente, as mulheres amam homens feios, mas nunca destituídos de masculinidade, por não poderem neutralizar tal carência.

O segundo tipo de considerações a fundamentar o amor sexual, na metafísica schopenhaueriana, diz respeito às qualidades psíquicas. Declara que o indivíduo terá do pai a vontade ou o caráter e da mãe, o intelecto³, e a corporificação receberá elementos dos dois. Nesse âmbito, afirma que a mulher é atraída, geralmente, pelas qualidades do caráter do homem, como sendo as herdadas do pai. Desse modo, ela é cativada pela vontade firme, pela resolução e coragem do homem, talvez pela honradez e bondade do coração. Conclui que, pelo fato de não serem herdadas do pai, os méritos intelectuais não exercem sobre a mulher algum poder direto e instintivo. No amor instintivo, os homens não são determinados pelas qualidades do caráter feminino. Aqui, diz, atuarem as considerações intelectuais por serem herdadas da mãe. Declara que, todavia, são de influência facilmente sobrepujada pela beleza corporal que, pelo fato de tocar pontos mais essenciais, o efeito é mais imediato. Essas são as considerações absolutas, ou seja, que

valem para qualquer um, segundo classifica Schopenhauer.

Existem, para ele, as relativas, individuais porque, através delas, se tem em vista a retificação do tipo da espécie exposto já deficiente, a correção dos desvios que a pessoa que escolhe traz consigo, para, dessa maneira, reconduzir a uma pura exposição do tipo. Declara ser a escolha oriunda da índole individual e direcionada para a índole individual, baseada em tais considerações relativas, mais determinada, segura e exclusiva do que as absolutas. Assim, argumenta, a origem do amor apaixonado propriamente dito, geralmente, será encontrada nas considerações relativas, apenas a origem da inclinação habitual e fácil se encontrará nas absolutas. Ele declara sobre a primeira determinação essencialmente exigida:

[...] toda sexualidade é unilateralidade. Esta unilateralidade se exprime num individuo de modo mais decisivo, e existe em grau mais elevado, do que num outro, podendo, portanto, ser mais bem completada e neutralizada em cada indivíduo por este, e não por outro individuo do sexo oposto, já que ele precisa de uma unilateralidade oposta à sua para complemento do tipo da humanidade no novo indivíduo a ser procriado, para cuja constituição isso tudo sempre concorre. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 30).

Sobre isso, explica que, para a neutralização mútua de duas individualidades, é exigido que o grau determinado de masculinidade do homem corresponda ao determinado de feminilidade da mulher, suprimindo-se, através disso, aquelas unilateralidades precisamente. Há, no ponto de vista schopenhaueriano, a necessidade da exata harmonia do grau de sexualidade, em que a proporção exigida pelos dois indivíduos envolvidos é algo sentido de maneira instintiva por eles, encontrando-se, junto com as outras considerações relativas, no fundamento dos graus superiores do enamorar-se. São acrescentadas a essas considerações as que ele chama de relativas suplementares, as quais se baseiam em que cada indivíduo aspira à supressão das suas fraquezas, carências e desvios do tipo através da outra pessoa, de modo que não sejam perpetuados na criança a ser procriada ou mes-

mo aumentadas até anomalias completas. Nesse sentido, Schopenhauer (2000, p. 32) diz: “Por fim, cada um procura também nas partes isoladas do corpo o corretivo para suas carências e desvios, e de modo tanto mais decisivo, quanto mais importante for a parte”. Afirma que, analogamente, agem as considerações sobre o temperamento. A esse respeito diz ser caso em que cada um preferirá o seu oposto apenas na medida que o seu for um temperamento decisivo, visando a proteger as crianças contra a grande imperfeição em tal aspecto. Diante disso, para o filósofo, a intensidade do enamorar-se aumenta com sua individualização, o enamorar-se costuma atingir um elevado grau quando, na exata harmonia do grau de sexualidade, o conjunto das anomalias completas da mulher é, de modo preciso, oposto ao do homem, funcionando como corretivo. Declara que a aversão mútua, firme e persistente entre os indivíduos, é o indicador de que a criança que poderiam procriar seria um ser mal organizado, desarmonioso e infeliz, indo de encontro ao interesse da espécie. Comenta que devem existir outras considerações inconscientes além dessas, embora não estejam diante dos olhos, as quais se encontram no fundamento da paixão extremada.

Schopenhauer ressalta que a seriedade e o cuidado profundo no exame dos aspectos mencionados e na escolha mútua são adequados à importância do fim, pois a criança a ser procriada terá de trazer durante a vida toda uma parte semelhante. Lembra que a consciência de tudo isso não existe, presumindo cada um fazer aquela difícil escolha somente no interesse da própria volúpia. Afirma que o indivíduo age, sem o saber, a serviço de um superior: a espécie. Age, portanto, no sentido da natureza (da espécie), de acordo com Schopenhauer. Assim, o gênio da espécie (metáfora usada pelo filósofo), em todos os que são capazes de procriar, é quem investiga e medita sobre a geração vindoura, sobre o possível indivíduo que dois amantes do sexo oposto poderiam procriar, sobre a combinação de suas qualidades. Entretanto, cada um escolhe sob a pressuposição de sua própria corporeidade, mas conforme o gênio da espécie (porque atua nesse processo), o qual tem como tarefa secreta a conservação do tipo o mais puro possível. Sobre o gênio da espécie e o sentimento

da preponderância do interesse da espécie em relação ao do indivíduo, o filósofo explica:

Imbuídos desse sentimento os antigos personificaram o gênio da espécie em Cupido, o qual a despeito de seu aspecto infantil, é um deus hostil e cruel, portanto mal afamado, um demônio caprichoso, despótico e, todavia, senhor dos deuses e dos homens [...]. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 49).

Sobre isso, diz que o Cupido, personificação do gênio da espécie, ocupa-se da constituição da geração a vir e é continuamente ativo, especulando e engendrando. O gênio da espécie é preparado visando ao próprio interesse, para sacrificar questões individuais. Conforme o ponto de vista schopenhaueriano, geralmente as grandes paixões nascem à primeira vista, mas só o espírito da espécie pode ver o valor da junção de um casal, para seus fins. Para Schopenhauer, a espécie, em que está a raiz do nosso ser, possui sobre nós um direito mais imediato e anterior que o indivíduo e, por isso, os interesses dela têm precedentes individuais. Em relação a perigos, normas e convenções humanas, opostos à ligação dos amantes apaixonados, o gênio da espécie, a partir da perseguição dos fins das gerações infinitas, trata de pô-los de lado, anulando-os, enfrentando-os. Explica que a vontade da espécie é bem mais poderosa do que a do indivíduo, fazendo com que o amante feche os olhos ante todos os atributos que lhe são desagradáveis, não se dando conta de qualquer coisa e nada vendo, ligando-se para sempre ao objeto de sua paixão ou se conhece e sente os efeitos, mesmo assim, não se intimida até a satisfação do fazer se decepcionar. O filósofo observa que a dor da perda da amada é sentida pelo amante apaixonado como uma dor a superar qualquer outra porque é transcendente, visto que não afeta só o indivíduo, mas o atinge na essência eterna, na vida da espécie, na busca por atingir seus alvos. Daí também o ciúme ser tão cheio de tormentos e furioso e também a renúncia da amada ser o maior de todos os sacrifícios. Nesse sentido, declara:

Da existência e constituição especial do gênero humano nos tempos vindouros, e na qual, por isso, a

vontade do indivíduo entra em cena numa potência mais elevada, como vontade da espécie, que repousa o patético e sublime das questões amorosas, o transcendente de seus enlevos e dores, que, há séculos, em inumeráveis exemplos, os poetas não se cansam de expor (SCHOPENHAUER, 2000, p. 09).

O que guia o indivíduo nessa empreitada rumo à composição da geração vindoura é um instinto, orientado para o melhor da espécie, segundo o ponto de vista schopenhaueriano. O filósofo afirma que, como em todo instinto, a verdade figura-se como ilusão, para agir sobre a vontade. O instinto, conforme ele explica, é como um agir de acordo com um conceito de fim e, no entanto, totalmente sem essa finalidade, e é implantado pela natureza lá onde o indivíduo agente seria incapaz de compreender o fim ou o perseguiria de mau gosto. Declara Schopenhauer que, no fundamento de todo amor sexual, há um instinto direcionado inteiramente para uma criança determinada a ser procriada, apesar de ser inconsciente para seus partícipes, sendo a maneira de atingi-lo considerada um assunto secundário. Afirma que a vontade individual tem de ser iludida para perceber, pelo sentido do indivíduo, aquilo que o da espécie a ela apresenta, presumindo seguir fins individuais, quando, na verdade, persegue gerais. De acordo com o ponto de vista schopenhaueriano, na maioria dos casos, o instinto deve ser considerado o sentido da espécie, o qual apresenta à vontade o que lhe é favorável. Diz sobre o papel do instinto:

[...] pode acontecer que, quando o indivíduo tem de ser ativo e até fazer sacrifícios para a conservação e o aprimoramento da espécie, a importância da questão não se torne tão compreensível para o seu intelecto adaptado apenas para os fins individuais, para que possa atuar adequadamente. Por isso, em tais casos, a natureza só pode alcançar o seu fim se implantar no indivíduo uma certa ‘ilusão’, em virtude da qual aparece como um bem para ele mesmo, o que é de fato um bem só para a espécie, de modo que ele a serve enquanto pensa servir a si mesmo. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 15-16).

Observa que, nesse âmbito, tão completo é o caráter do instinto e, por conseguinte, a sua existência, que quem é por ele impulsionado, muitas vezes, abomina e gostaria de evitar a procriação, que é o único “fim” que o direciona. Diz que tem o ser humano um instinto da escolha sutil, séria e obstinada do outro indivíduo para satisfazer-se sexualmente.

Lembra Schopenhauer que os instintos e impulsos industriais dos animais nos mostram que também são formados por um tipo de ilusão que simula o próprio gozo, enquanto trabalham com autoabnegação e com assiduidade em favor da espécie. Diz que a todos guia uma ilusão que, servindo à espécie, coloca a máscara de uma finalidade egoística. Cita, como exemplo, o cuidado dos insetos na busca do meio apropriado para depositar seus ovos.

Para o filósofo, casamentos felizes são raros porque, na essência do casamento, está a finalidade principal, que é a geração futura. Afirma que, no casamento, visa-se à procriação de crianças (ainda que inconscientemente) e não a conversação espirituosa, pois aqui predominam as considerações do instinto e não as intelectuais. Há a possibilidade, conforme o ponto de vista schopenhaueriano, de ao amor apaixonado associar-se uma amizade efetiva, baseada na concordância de mentalidades. Explica que, geralmente, essa amizade surge quando o amor sexual propriamente dito foi extinto na satisfação, e figura-se numa harmonia de ânimos. Segundo ele, o casamento contraído por amor, geralmente, torna-se infeliz, pois, através dele, cuida-se da geração futura em detrimento da presente. Sobre o casamento por conveniência, afirma que nele as considerações governantes são reais, não podendo desaparecer por si mesmas e, através delas, cuida-se da felicidade da geração presente, mas certamente em detrimento da vindoura, sendo, entretanto, aquela primeira felicidade problemática. Conclui que, na maioria das vezes, na ocorrência do casamento, ou é lesado o indivíduo ou o interesse da espécie.

Segundo Schopenhauer, todo estar-se enamorado visa à procriação (ainda que não a queiram os amantes), o que é confirmado por não ser o essencial a simples correspondência amorosa, mas a posse, o gozo físico. Diz que, após a satisfação sexual, vem a desilusão. Declara que, com a satisfação, o espírito da espécie, que tinha possuído o

indivíduo, deixa-o, novamente, livre. Nessa direção, afirma acerca do momento após o gozo físico e da estranha decepção sentida:

Assim abandonado por ele, o indivíduo recai em sua limitação e pobreza originárias, e vê com espanto que, após esforços tão elevados, heróicos e infinitos, nada obteve para seu gozo a não ser o que dá qualquer satisfação sexual: contra sua expectativa, ele não se encontra mais feliz do que antes. Nota que foi o enganado pela vontade da espécie. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 29-50).

Afirma que essa satisfação só favorece a espécie, daí não ser acessível à consciência do indivíduo, o qual, aqui, foi animado pela vontade da espécie. A partir disso, aduz que o indivíduo não se sente aí muito favorecido. Declara que o amor-paixão repousa sobre uma ilusão que mascara, como pleno de valor para o indivíduo, aquilo que só tem valor para a espécie, e que a ilusão tem de desaparecer após as finalidades da espécie serem obtidas. Diz que o amor, com frequência, está em contradição com as situações exteriores e com a própria individualidade, projetando-se em pessoas que, fora da relação sexual, seriam odiadas, desprezadas pelo amante, provocando até a repugnância.

Para o filósofo, o amor sexual convive também com o ódio mais expresso contra seu objeto, quando um amante apaixonado, mesmo empregando todos os esforços e súplicas, não pode achar condescendência sob qualquer condição. Observa que esse ódio, às vezes, vai tão longe a ponto de o homem matar a amada e, em seguida, suicidar-se.

Nesse âmbito, Schopenhauer também trata da questão da fidelidade, dizendo que o homem está, por natureza, inclinado à inconstância no amor e a mulher, à constância. Sobre isso, explica:

O amor do homem diminui sensivelmente a partir do momento em que obteve satisfação; quase qualquer outra mulher o excita mais do que aquela que já pos-

sui: ele anseia pela variedade. O amor da mulher, ao contrário, aumenta justamente a partir desse momento. Isso é uma conseqüência do fim da natureza, direcionado para a conservação e, por conseguinte, para a mais vigorosa possível multiplicação da espécie. O homem pode, comodamente, procriar mais de cem crianças em um ano, se um número igual de mulheres estiver á sua disposição, enquanto a mulher, mesmo com tantos homens, só traz uma criança ao mundo em um ano (excetuando-se o nascimento de gêmeos). Por isso ‘ele’ está sempre em busca de outras mulheres; ‘ela’, ao contrário, apega-se firme a um único homem, pois a natureza a impele, instintivamente e sem reflexão, a conservar o provedor e protetor da futura prole. Em conseqüência, a fidelidade conjugal é artificial para o homem, para a mulher, natural, e, portanto, o adultério da mulher, tanto em termos objetivos, devido às conseqüências, quanto em termos subjetivos, enquanto contrário à natureza, é muito mais imperdoável que o do homem. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 22-23).

Lembra que a suprema paixão também se extingue quando, por causa de uma eventual esterilidade da mulher, o fim propriamente metafísico é obstado, assim como, quando diariamente, com a aniquilação de milhões de germens, nos quais o princípio metafísico se esforça pela existência. Sobre essa extinção, diz: “[...] não existe outro consolo para isso a não ser o de estar à disposição da Vontade de vida uma infinitude de espaço, tempo, matéria e portanto uma inesgotável ocasião do retorno”. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 37)

Diz que o interesse (oriundo de aspirações e impulsos os mais íntimos de nosso ser) pela composição especial e pessoal da raça vindoura confirma duas verdades: a) a indestrutibilidade do ser-em-si do homem, que continua a viver na raça vindoura; b) o ser-em-si do homem é mais residente na espécie do que no indivíduo. Nesse contexto, lembra que os seres são idênticos essencialmente, pois a vontade é idêntica, e que essa essência íntima está no fundamento de nossa consciência, como núcleo seu, sendo, por isso, mais imediata do que a

nossa própria consciência. A missão da Vontade, a qual se objetiva na espécie, mostra-se, na consciência do enamorado, mascarada pela antecipação de uma bem-aventurança infinita, que seria achada por ele através da união com uma determinada mulher. Com base em seu pessimismo metafísico, em que, em termos gerais, toda vida é considerada sofrimento, ele declara:

Entretanto, no meio do tumulto, vemos os olhares de dois amantes se encontrarem cheios de desejo: – todavia, por que com tanto mistério e temor às escondidas? – Porque esses amantes são os traidores que secretamente tramam perpetuar toda a miséria e atribulação que, sem eles, logo atingiriam um fim, fim que eles queriam obstar, do mesmo modo que seus semelhantes anteriormente obstaram. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 55).

A esse respeito considera Pernim (1995, p. 156), que, após fazer um levantamento sobre o ponto de vista schopenhaueriano acerca do amor, identificando-o como uma perspectiva nada romântica, apesar de a importância do amor ser um tema herdado do romantismo (movimento também vivenciado por Schopenhauer):

Definitivamente, a idéia (*sic*) de renúncia prevalece no espírito de Schopenhauer, segundo nossa análise. Sabemos que Challemel-Lacour ficou gelado de terror depois de ouvir Schopenhauer condenar o amor e acusar as mulheres de atrasar o fim do mundo ao seduzir os homens. Os amantes recomeçam o pecado original, condenando-nos outra vez ao sofrimento e à morte. Isso nos dá o sentido do seu pudor suspeito [...]⁴.

Considerações finais

Na metafísica do amor schopenhaueriana, o interesse da espécie e a determinação precisa das individualidades da próxima geração superam o do indivíduo. Assim, podemos dizer que esse não é o privilegiado no processo amoroso.

O amor aqui é o meio através do qual a vida humana vem a irromper. O que se deseja numa busca pelo sexo oposto são as qualidades que farão parte do futuro indivíduo, cabendo essa escolha ao gênio da espécie.

Esse ponto de vista é mais uma prova da submissão atribuída por Schopenhauer do homem à vontade cósmica, o qual, mais uma vez, atua em seu favor. De novo, demonstra que só a vontade em si tem liberdade.

Diante da constante referência ao esforço que “desemboca” na desilusão, dá-nos a entender que o amor-paixão não é tão benéfico ao ser humano enquanto indivíduo.

O ponto de vista do filósofo, vinculando o amor apaixonado à procriação, de certa forma, assemelha-se ao posicionamento, por exemplo, da Igreja Católica.

Notas

* Mestra em filosofia na PUCPR, linha de pesquisa “ética”, e-mail: nainave@uol.com.br.

** Professor Doutor em filosofia pela PUCRS, professor da UNICAP.

¹ A respeito do tema, observa LEFRANC (2005, p. 129): “Suas descrições do amor devem ter chocado pelo seu ‘cinismo’: sem dúvida, Schopenhauer mostrou neste ponto alguma complacência, em particular ao exibir a sua misoginia. No entanto, não se trata de maneira alguma de reduzir o amor à sexualidade mas, pelo contrário, de restituir a ‘Eros’ sua unidade e sua significação, perdidas desde o tempo de Platão [...]”. Também sobre o tema, comenta DURANT ([s.d.], p. 51): “A ‘metafísica do amor’ gira à volta dessa subordinação do pai à mãe, dos pais aos filhos, do indivíduo à espécie”.

² São válidas as palavras do professor Jair Barboza (1997, p. 81) a respeito da temática: “Schopenhauer sabe que suas opiniões podem despertar a choradeira dos sentimentais, dos românticos habitantes das nuvens, ou mesmo dos moralistas e puritanos, possivelmente indignados ao encontrarem um metafísico tratando de um assunto para eles proibitivo no domínio da elevada reflexão. Mas ele não se intimida. Por mais que tais pessoas se sintam envergonhadas diante do tema, basta pensar mais detidamente e notarão: a composição da próxima geração, a colocação de uma criança no mundo é ‘um objetivo mais elevado e digno do que sentimentos exagerados e transcendentais, parecidos com bolas de sabão’”.

- ³ Acerca disso, observa JANAWAY (2003, p. 81): “Logo, a concepção de que o intelecto tem origem feminina resulta de uma hibridização entre a doutrina schopenhaueriana da primazia metafísica da vontade e seu preconceito bastante convencional segundo o qual o feminino tem de ser secundário com relação ao masculino”.
- ⁴ Challemel-Lacour (1827-1896) foi um estadista francês e professor.

Referências

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1997.

DURANT, Will. **A filosofia de Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

JANAWAY, Christopher. **Schopenhauer**. São Paulo: Loyola, 2003.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

PERNIN, Marie-José. **Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

